

Romanos

Introdução
e comentário

F. F. Bruce



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

ÍNDICE

Prefácio Geral	5
Prefácio da Edição em Português	6
Abreviaturas Principais	8
Prefácio do Autor	9
Uma Palavra sobre o Autor	11
Introdução	13
Época da Produção da Epístola	13
O Cristianismo em Roma	14
Romanos e o Corpo Paulino	18
O Texto de Romanos	21
Romanos e o Evangelho Paulino	29
“Carne” e “Espírito” em Romanos	37
A “Lei” em Romanos	46
A Influência de Romanos	50
Sumário	52
Análise	57
Comentário	59
Seleção Bibliográfica	230

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

AA	Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, SBB (é a versão normalmente empregada nesta tradução; quando não, explica-se <i>in loco</i>).
AV	English Authorized Version, 1611.
RV	English Revised Version, 1881-85.
RSV	American Revised Standard Version, 1946-52.
NEB	New English Bible: New Testament, 1961.
LXX	Setuaginta (versão grega pré-cristã do Velho Testamento).
Arndt- Gingrich	<i>A Greek-English Lexicon of the New Testament</i> , editado por W. F. Arndt e F. W. Gingrich, 1957.
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i> , Manchester.
EQ	<i>Evangelical Quarterly</i> .
ExT	<i>Expository Times</i> .
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i> .
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i> .
mg.	Margem.
NTS	<i>New Testament Studies</i> .
TB	Talmude Babilônico.
TI	Tradução Inglesa.
TM	Texto Massorético (da Bíblia Hebraica).
TP	Tradução em Português.
ZNW	<i>Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft</i> .
MSS	Manuscritos.

PREFÁCIO DO AUTOR

Não se poderia arranjar mais apropriado prefácio do Comentário “Tyndale” de Romanos do que o prólogo a essa epístola feito por Guilherme Tyndale. Esse prólogo aparece na edição de 1534 do seu Novo Testamento Inglês. Somente uma razão milita contra sua reprodução completa aqui: sua extensão. É um verdadeiro tratado, quase tão longo quanto a epístola a que introduz. Começa assim:¹

“Visto que esta epístola é a principal e a mais excelente parte do Novo Testamento, e o mais puro Euangelion, quer dizer, boas novas e aquilo que chamamos de Evangelho, como também luz e caminho que penetra o conjunto da escritura, creio que convém que todo cristão não somente a conheça de cor, mas também se exercite nela sempre e sem cessar, como se fosse o pão cotidiano da alma. Na verdade, ninguém pode lê-la demasiadas vezes nem estudá-la suficientemente bem. Sim, pois, quanto mais é estudada, mais fácil fica; quanto mais é meditada, mais agradável se torna, e quanto mais profundamente é pesquisada, mais coisas preciosas se encontram nela, tão grande é o tesouro de bens espirituais que nela jaz oculto.”

E mais para o fim do prólogo, Tyndale diz:

“Portanto, parece evidente que a intenção de Paulo era abranger resumidamente nesta epístola, de modo completo, todo o aprendizado do evangelho de Cristo, e preparar uma introdução ao Velho Testamento. Sim, pois, quem tem inteiramente no coração esta epístola, tem consigo a luz e a substância do Velho Testamento. Daí que

1. A ortografia é atualizada. Este prólogo foi impresso em separata em Worms, em 1526. Apresenta muitos pontos de semelhança com o prefácio que Lutero escreveu de Romanos, mas Tyndale não é simples eco de Lutero.

todos os homens, sem exceção, se exercitem nela com diligência e a recordem noite e dia, até se familiarizarem com ela completamente.”

É notável que Tyndale recomenda esta epístola como introdução, não do Novo Testamento, mas do Velho. Quer dizer, acha que ela é um guia indispensável para a compreensão dos livros da velha aliança. Nisto concorda com o pensamento de Paulo, pois este afirma que o Evangelho exposto nesta epístola foi de antemão anunciado nos escritos proféticos e que o caminho da justiça tornado manifesto no Evangelho foi declarado pela Lei e pelos Profetas. O Velho Testamento era a Bíblia que os apóstolos e outros cristãos das primeiras gerações usavam na propagação do Evangelho. Era o arsenal do qual se muniam das provas de que Jesus era de fato o Cristo, o Salvador do mundo. E a Epístola aos Romanos constitui extraordinário exemplo da maneira pela qual esse propósito era atendido.

No estudo de Romanos, como no estudo de qualquer dos escritos de Paulo, é necessário vigiar contra uma tentação parecida com aquilo que se tem denominado “o perigo de modernizar Jesus”.² Há igual perigo de modernizar Paulo. O leitor ou intérprete das cartas de Paulo, principalmente quando se sente fortemente atraído pela personalidade e pelo poder de raciocínio do apóstolo, muitas vezes é tentado a enfraquecer aqueles traços julgados antipáticos, para não dizer escandalosos, pelos padrões modernos. É possível ir com Paulo até onde ele foi e, depois, tentar ir mais longe, não pela aceitação de coisas que vão além do ensino dele mas, sim, pela modificação sutil, e muitas vezes inconsciente, dos seus conceitos, colocando-os em mais estreita conformidade com o pensamento atual. Mas a um homem do calibre de Paulo é preciso deixar que seja ele mesmo e que fale sua própria língua. Todas as bem intencionadas tentativas para fazê-lo profetizar um pouco mais suavemente do que de fato o faz, podem diminuir sua estatura, em vez de elevá-la. Nós, do século vinte, captaremos sua duradoura mensagem com muito maior compreensão se lhe permitirmos apresentá-la nos termos incondicionais com que o fez no primeiro século.

Estou muito agradecido à Srta. June S. Hogg, B. A., pelo auxílio que deu datilografando o meu manuscrito, e à minha filha Sheila, por sua colaboração revisando as provas.

F. F. B.

2. Ver H. J. Cadbury, *The Peril of Modernizing Jesus* (Nova York, 1937).

UMA PALAVRA SOBRE O AUTOR

F. F. Bruce volta a tornar seus devedores os estudiosos da Bíblia, desta vez com um magistral comentário sobre a carta de Paulo geralmente considerada como a mais profunda de todas.

O Dr. Bruce torna a revelar a sua notável capacidade de combinar agudeza erudita com simplicidade de apresentação, capacidade que caracteriza todos os seus escritos. Acreditando que se deve deixar que um homem do gabarito de Paulo seja o que é e fale usando as suas próprias palavras, o Dr. Bruce resiste ao desejo de acomodar os conceitos do apóstolo ao pensamento atual. Permite que Paulo entregue sua mensagem de valor permanente em seus próprios termos — termos incondicionais do primeiro século.

Frederick Fyvie Bruce nasceu em Elgin, Escócia, em 12 de outubro de 1910. Recebeu seu M. A. (grau de Mestre em Artes) com as mais altas honras em letras clássicas em Aberdeen e em Cambridge, e recebeu de Aberdenn o seu D. D. (grau de Doutor em Divindade). Prestou serviços como Preletor em grego como Examinador nas Universidades de Edimburgo e de Leeds, e como Examinador na Universidade de St. Andrews, Manchester e Bristol. De 1947 a 1959 foi Professor Catedrático de História e Literatura Bíblicas da Universidade de Sheffield, sendo, então, nomeado para a faculdade de Manchester. Antes disso, fizera preleções em bom número de escolas da Inglaterra, dos Estados Unidos e do continente europeu.

INTRODUÇÃO

1. Época da Produção da Epístola

Paulo passou os dez anos que vão de 47 a 57 A. D. realizando intensa evangelização dos territórios que margeiam o Mar Egeu. Durante aqueles anos, concentrou-se sucessivamente nas províncias romanas da Galácia, da Macedônia, da Acaia e da Ásia. O Evangelho fora pregado e igrejas tinham sido fundadas ao longo das principais estradas dessas províncias e em suas cidades principais. Paulo recebeu com justa seriedade a responsabilidade que lhe foi dada como apóstolo de Cristo entre os gentios. Bem podia contemplar com grato louvor não (como ele teria dito) o que ele fizera, mas o que Cristo havia feito juntamente com ele. O seu primeiro e grande plano de campanha estava agora realizado. Pôde deixar as igrejas que tinha estabelecido em Icônio, Filipos, Tessalônica, Corinto, Éfeso, e em muitas outras cidades daquelas quatro províncias, aos cuidados dos seus líderes espirituais, ou presbíteros, sob a soberana direção do Espírito Santo.

Mas a missão de Paulo não estava de forma alguma terminada. Durante o inverno de 56-57 A. D., que ele passou em Corinto, na casa de Gaio seu amigo que se convertera, ficou ansioso (com alguma apreensão) para fazer uma visita a Jerusalém no futuro imediato — pois tinha de cuidar da entrega de uma oferta em dinheiro aos presbíteros da igreja de lá, por cuja arrecadação estivera trabalhando alguns anos entre os gentios convertidos pelo seu intermédio. Esperava que essa oferta fortalecesse os laços entre a igreja-mãe, na Judéia, e as igrejas gentílicas.¹

Mas quando se consumou essa transação, Paulo ficou ansioso para lançar um plano que vinha tomando forma em sua mente nos últimos anos. Concluída sua missão nas terras banhadas pelo Mar Egeu, tinha de localizar novos campos a conquistar para Cristo. Ao fazer a escolha de

1. Ver notas sobre 15:25ss., pp. 208-214s.

ROMANOS

uma nova esfera de atividade, resolveu fazer-se pioneiro. Não se estabeleceria como apóstolo radicado num lugar já alcançado pelo Evangelho. Não iria “edificar sobre fundamento alheio” (Rm 15:20). Sua escolha recaiu na Espanha, a mais antiga colônia romana no Ocidente e o principal baluarte da civilização romana naquelas partes.

Mas a excursão à Espanha lhe daria a oportunidade de satisfazer uma velha ambição — a ambição de ver Roma. Embora cidadão romano por direito de nascimento,² nunca tinha visto a cidade da qual era cidadão. Quão esplêndido seria visitar Roma e passar algum tempo lá! Seria deveras esplêndido porque havia uma florescente igreja em Roma, e muitos cristãos que Paulo tinha encontrado aqui e ali em suas viagens, residiam agora em Roma e eram membros daquela Igreja. O próprio fato de que o Evangelho tinha chegado a Roma bem antes de Paulo, excluía Roma como lugar onde ele poderia estabelecer-se para fazer evangelização pioneira. Mas sabia que continuaria sua viagem para a Espanha com muito mais gosto se pudesse primeiro renovar seu espírito com algumas semanas de companheirismo com os cristãos de Roma.

Portanto, durante os primeiros dias do ano 57 A. D., ele ditou a seu amigo Tércio — cristão posto às suas ordens talvez por seu hospedeiro Gaio, para servir-lhe de secretário — uma carta destinada aos cristãos romanos. Esta carta visava prepará-los para a sua visita à cidade e explicar a finalidade da mesma. E julgou de bom alvitre, ao escrevê-la, oferecer-lhes uma completa exposição do Evangelho como ele o compreendia e o proclamava.

2. O Cristianismo em Roma

Os termos em que Paulo se dirige aos cristãos de Roma esclarecem que a igreja daquela cidade não era de organização tão recente. Mas quando tentamos determinar alguma coisa sobre a origem e a história dos primeiros períodos do cristianismo romano, encontramos bem poucos dados evidentes em que apoiar-nos. Temos de reconstruir a situação na medida do possível, baseados em várias referências literárias e arqueológicas.

Conforme Atos 2:10, a multidão de peregrinos presentes em Jerusalém para a festa de Pentecoste do ano 30 A. D., e que ouviu Pedro pregar o Evangelho, incluía “visitantes procedentes de Roma, tanto judeus como prosélitos” (RSV). Não temos informação sobre se alguns deles estavam entre os três mil que creram na mensagem de Pedro e foram batizados. Talvez seja significativo que aqueles visitantes romanos

2. At 22:28.

são o único grupo europeu a receber menção expressa entre os peregrinos.

Em todo caso, todos os caminhos levavam a Roma e, uma vez que o cristianismo estava firmemente estabelecido na Palestina e nos territórios circunvizinhos, era inevitável que fosse levado para Roma. Dentro de um ano ou dois, se não — como pensa Foakes-Jackson — “no outono seguinte à crucifixão, é bem possível que Jesus já recebesse honra na comunidade judaica de Roma como Aquele que esteve em Damasco”.¹ O “pai” da igreja latina, do século quarto, a quem chamamos Ambrosiastro, diz, no prefácio do seu comentário desta epístola, que os romanos “tinham abraçado a fé em Cristo, embora de acordo com o rito judaico, sem ver nenhum sinal de obras poderosas e nenhum dos apóstolos”. Evidentemente foram cristãos simples e comuns os primeiros a levar o Evangelho a Roma e a implantá-lo ali — provavelmente no seio da comunidade judaica da capital.

Já no segundo século a.C. existia uma comunidade judaica em Roma. Seu número cresceu consideravelmente em consequência da conquista da Judéia por Pompeu em 63 a.C., e seu “triunfo” em Roma dois anos mais tarde, quando muitos prisioneiros de guerra judeus cooperaram com a sua marcha, e depois receberam a liberdade. Em 59 a.C., Cícero faz alusão ao tamanho e à influência da colônia judaica de Roma.² No ano 19 A. D., os judeus de Roma foram expulsos da cidade por um decreto do imperador Tibério (ver p. 76), mas em poucos anos estavam de volta em número maior do que nunca. Não muito depois disto, registra-se outra expulsão em massa dos judeus de Roma, essa vez pelo imperador Cláudio (41-54 A. D.). Essa expulsão é mencionada ligeiramente em Atos 18:2, onde se diz que Paulo, ao chegar a Corinto (provavelmente no fim do verão do ano 50 A. D.), “encontrou certo judeu chamado Áqüila (...) recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma”. A data do édito de expulsão é incerta, embora Orósio possa estar certo colocando-a no ano 49 A. D.³ Outras referências aparecem na literatura antiga, sendo a mais interessante uma nota que há na obra “Vida de Cláudio”, XXV.2, informando que o imperador “expulsou de Roma os judeus porque estavam constantemente em rebelião, à

1. F. J. Foakes-Jackson, *Peter, Prince of Apostles* (1927, p. 195).

2. *Pro Flacco* 66.

3. De acordo com Dio Cássio (*History* 1x. 6), Cláudio impusera restrições aos judeus romanos no início do seu reinado: “Como tinha voltado a aumentar o número dos judeus, mas dificilmente poderiam ser expulsos da cidade porque eram muitos, ele não os fez sair propriamente, mas os proibiu de reunir-se de acordo com os costumes herdados dos seus ancestrais.” Ver F. F. Bruce, “Christianity under Claudius”, *BJRL*, XLIV, 1961-62, p. 309ss.

instigação de Cresto (*impulsore Chresto*)". Dá para pensar que este Cresto era um agitador judeu em Roma naquele tempo. Entretanto, o modo como Suetônio introduz seu nome torna muito mais provável que a rebelião tenha sido uma seqüência da introdução do cristianismo na comunidade judaica da capital. Escrevendo cerca de setenta anos mais tarde, Suetônio pode ter conhecido algum registro contemporâneo da ordem de expulsão, registro que mencionava Cresto como o líder de uma das partes envolvidas, e inferiu que ele estava realmente em Roma naquela ocasião. Decerto sabia que *Chrestus* (uma variante da ortografia gentílica de *Christus*) era o iniciador dos cristãos, aos quais descreve em outras partes como "perniciosa e funesta classe de gente". Bem podia parecer-lhe uma inferência muito razoável que Cresto tivesse tomado parte ativa no incentivo àquelas rebeliões.

Parece que Áqüila e Priscila já eram cristãos antes de encontrarem Paulo. Provavelmente eram membros do grupo original de crentes em Jesus residentes em Roma. Não sabemos onde ou quando eles ouviram o Evangelho pela primeira vez. Paulo jamais dá a idéia de que eram seus filhos na fé. Mas podemos estar certos de que o grupo original de crentes da cidade de Roma consistia inteiramente de judeus cristãos, e que a ordem de expulsão emitida por Cláudio acarretou a saída e a dispersão deles.

Contudo, os efeitos da ordem de expulsão duraram pouco. Não muito tempo depois, a comunidade judaica florescia uma vez mais em Roma, e o mesmo acontecia com a comunidade cristã. Menos de três anos depois da morte de Cláudio, Paulo pôde escrever aos cristãos de Roma e falar da fé que eles tinham como assunto que era do conhecimento universal. Bem pode ser que o édito de expulsão tenha caducado com a morte de Cláudio (54 A. D.), se não antes. Mas em 57 A. D., os cristãos de Roma incluíam gentios bem como judeus, conquanto Paulo faça lembrar aos cristãos gentílicos que a base da comunidade é judaica, e que não a devem desprezar ainda que venham a superá-la em número (11:18).

Na verdade, o lastro judaico do cristianismo romano não foi esquecido logo. Ainda no tempo de Hipólito (falecido em 235 A. D.), alguns traços das práticas religiosas cristãs em Roma proclamavam sua origem judaica — origem que deve ser procurada no judaísmo sectário ou dissidente, e não em suas correntes principais.⁵

4. Ver T. W. Manson, *Studies in the Gospels and Epistles* (1962), p. 37ss.

5. Ver M. Black, *The Scrolls and Christian Origins* (1961), p. 114s. Sobre a origem judaica da igreja de Roma, ver também E. Meyer, *Ursprung und Anfänge des Christentums*, III (Stuttgart e Berlim, 1923), p. 465ss.; W. Manson, *The Epistle to the Hebrews* (1951), p. 172ss., "Notes on the Argument of Romans (Capítulos 1-8)", *New Testament Essays in Memory of T. W. Manson* (1959), p. 150ss.

Se as saudações que se acham em **16:3-16** se destinavam a Roma e não a Éfeso (ver pp. 215-224), então podemos achar nelas alguma informação muito interessante a respeito dos membros da igreja romana em 57 A. D. Estes eram presumivelmente cristãos que Paulo tinha encontrado em outros lugares durante sua carreira apostólica e que nesse tempo residiam em Roma. Estavam incluídos entre eles alguns que eram dos primeiros cristãos da igreja primitiva, tais como Andrônico e Júnias (ou Júnias) que, como diz Paulo, “estavam em Cristo antes” dele próprio, e eram bem conhecidos nos círculos apostólicos, se é que não eram de fato reconhecidos como “apóstolos” (**16:7**). É razoável identificar o Rufo mencionado no versículo **13** com o filho de Simão Cireneu mencionado em Marcos 15:21. Paulo pode tê-lo conhecido, e à sua mãe, em Antioquia. Âqüila e Priscila, que tinham sido compelidos a deixar Roma uns oito ou mais anos antes, estavam agora de novo na capital, e sua casa era um dos locais de reunião dos membros da igreja de lá (O fato de que a basílica — o estilo típico dos edifícios eclesiásticos primitivos — preserva o contorno de uma casa particular romana, lembra-nos que a casa-igreja era geralmente o lugar de reunião dos cristãos nos tempos primitivos.)

Com efeito, talvez o cristianismo já tivesse começado a exercer algum impacto nas altas camadas da sociedade romana. Em 57 A. D., ano em que Paulo escreveu sua Epístola aos Romanos, Pompônia Graecina, mulher de Aulo Pláúcio (que acrescentou a província da Bretanha ao Império Romano em 43 A. D.), foi julgada e absolvida por um tribunal doméstico, da acusação de haver abraçado uma “superstição estrangeira”, que podia ter sido o cristianismo. Mas aos olhos da maioria dos romanos que pouco sabiam do cristianismo, este era simplesmente outra enfadonha superstição oriental, a espécie de coisa que o satírico Juvenal tinha em mente sessenta anos mais tarde, quando se queixou do modo como os esgotos do Orontes se descarregavam no Tibre. (Visto que Antioquia, à margem do Orontes, era o lar do cristianismo gentílico, é provável que Juvenal considerasse o cristianismo gentílico como um dos elementos presentes naqueles esgotos.)

Sete anos depois da produção desta epístola, quando Roma foi devastada por enorme incêndio, e o imperador Nero procurou à sua volta bodes expiatórios para os quais pudesse desviar a suspeita popular (talvez injustamente) dirigida contra ele, encontrou-os perto e prontos. Os cristãos de Roma eram impopulares. Eram vistos como “inimigos da raça humana” e acusados de práticas criminosas como o incesto e o canibalismo. Por isso, fizeram-se em grande número vítimas do ódio imperial. E é essa perseguição movida por Nero que tradicionalmente compõe o cenário para o martírio de Paulo e de Pedro.

Três anos após escrever esta carta, Paulo afinal concretizou sua esperança de visitar Roma. E o fez de um modo que não esperava ao escrevê-la. O receio quanto à acolhida que lhe dariam em Jerusalém —

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.